

**Devoção, lazer e turismo nas romarias de Juazeiro do Norte, CE:
reconfigurações romeiras dos significados das romarias a partir
de tensões entre as categorias turismo e devoção**

Devotion, leisure and tourism in Juazeiro do Norte's *romarias*: reconfigurations
by pilgrims of the meanings of these pilgrimages based on the tension between
tourism and devotion

*Antônio Mendes da Costa Braga**

Resumo

A partir de pesquisa de campo realizada entre grupos de romeiros devotos do Padre Cícero, no presente artigo procuro discutir os usos que estes fazem das expressões “turismo” e “fazer turismo”. O argumento aqui apresentado é o de que os usos romeiros dessas expressões são muito mais do que um sistema classificatório através do qual eles procuram definir quem faz uma romaria por devoção ou por lazer. Na chave interpretativa aqui proposta o principal argumento é o de que o que está em jogo quando os romeiros usam essas expressões é uma tensão relativa às transformações que vêm ocorrendo tanto nas romarias (e nas formas como os romeiros vivenciam as mesmas), quanto nos significados delas para suas vidas, seja individualmente, seja como grupo.

Palavras-chave: Devoção; Turismo; Padre Cícero.

Abstract

Based on a fieldwork conducted among groups of Father Cicero's devotee pilgrims at the Brazilian state of Ceará, I try to discuss in this paper the use pilgrims make of the expressions "tourism" and "go touring". The argument presented here is that the uses of these expressions are much more than a classification system through which they seek to define who goes on pilgrimage for devotion or for leisure. The main argument is that when the pilgrims use these expressions there is a tension related to the transformations that have been occurring on pilgrimages (and on the ways pilgrims experience them), as well as on the meanings of pilgrimages for their lives, either individually or as a group.

Keywords: Devotion; Tourism; Father Cícero.

A origem das romarias de Juazeiro remonta à última década do século XIX. No início foram motivadas por um milagre que teria ocorrido ali, em 1889: Padre Cícero deu a hóstia consagrada a uma beata de nome Maria de Araújo. A hóstia, após entrar em contato com a boca da beata, se transformou em sangue. Eis a hierofania, o milagre que deu origem ao fenômeno religioso de Juazeiro.

* Doutor em Antropologia Social pela UFRGS e professor na UNESP/Marília. Correspondência para/Correspondence to: Antônio Mendes da Costa Braga, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Avenida Hygino Muzzi Filho, 737, CEP 17525-900, Marília, SP, Brasil. E-mail: <tonibraga@uol.com.br>.

Com o passar dos anos as romarias foram se acentuando. E o que no início existia em virtude do milagre foi, pouco a pouco, sendo motivado pela presença do Padrinho Cícero, figura já tomada por santo e protetor dos romeiros. As romarias, portanto, já ocorriam quando Padre Cícero estava vivo. Com a morte deste (1934) elas continuaram, apesar de expectativas contrárias (muitos achavam que com a morte do Padrinho a gente pobre do sertão, do Nordeste, deixaria de frequentar Juazeiro, mas isso não ocorreu), Até meados do século XX, as romarias eram feitas, sobretudo, a pé (levavam muitos dias e exigiam sacrifício). Com o processo de popularização do uso do caminhão como meio de transporte das classes populares brasileiras a partir de meados do século XX, o vulgarmente chamado “pau-de-arara” tornou-se por excelência o meio de transporte dos romeiros. Hoje, na primeira década do século XXI, se percebe que vem se tornando cada vez mais comum a substituição dos caminhões por ônibus, ainda que se mantenha forte a presença dos primeiros.

Nas pesquisas etnográficas realizadas nas romarias a Juazeiro do Norte, Ceará, pude observar – principalmente entre os romeiros adultos e os mais velhos¹ – que em certas ocasiões eles usavam as expressões “turista” ou “turismo” e que, na ampla maioria dos casos, estas expressões serviam para designar o que seria a ação de uma terceira pessoa (normalmente do próprio grupo) que estaria em desacordo com aquilo que eles entendiam ser o verdadeiro sentido de uma romaria. Durante a pesquisa,² em mais de uma oportunidade, escutei expressões do tipo: “Fulano não vem fazer romaria, só turismo!”; “Beltrano só quer saber de festa, passear, fazer turismo!”.

Um exemplo concreto é o diálogo que estabeleci com a fretante³ Dona Maria – uma senhora de pouco mais de setenta anos, que faz romarias a Juazeiro desde 1969 e que é responsável por um grande grupo de romeiros da sua cidade,⁴ no interior de Alagoas.

Após comentarmos sobre um grupo de jovens romeiros de seu grupo que fora para o balneário do Caldas,⁵ escutei dela a seguinte queixa: “– Ah meu filho, as romarias estão mudando muito. Até entre a gente aqui tem muita gente que só quer saber de fazer turismo!”.

Observando mais atentamente os usos que esses romeiros estavam fazendo das expressões “turistas” e “turismo” pude perceber que na maioria das vezes elas eram usadas para designar algo, alguma prática, ou alguém –

normalmente do próprio grupo – cujas ações eram tomadas como em oposição a um sentido explícito ou latente do que deveria ser o verdadeiro sentido de uma romaria, ações que *a priori* julgavam ser aquelas de “um romeiro de verdade”. Neste caso, podemos pensar a noção de *turismo* aqui sendo utilizada em oposição à noção de *devoção*.

Dona Maria, por exemplo, me explicou – na conversa supracitada e em outras oportunidades – que uma romaria é uma coisa sagrada, que tem que ter “respeito”, fazer as “visitas” aos lugares sagrados (a Igreja Matriz, a casa do Padre Cícero, a Capela do Socorro e o Horto deveriam ser lugares obrigatórios de visita em qualquer romaria), saber rezar. Em contrapartida, segundo ela, havia grupos de romeiros muitos jovens que não faziam nada disso. A romaria para eles, segundo Dona Maria, era apenas “uma viagem”, “tinha jovem que nem ia na Matriz”, só queria saber das festas, de “passear” e – expressão que ela utilizou – “fazer turismo”.

Durante a pesquisa observei que era muito pouco usual os romeiros definirem-se a si mesmos como turistas. Tanto que observei apenas uma situação no campo onde um membro de um grupo de romeiros definiu a si e aos demais companheiros como “turistas” a partir de uma conotação não negativa. Um uso que estava em oposição ao tom usualmente repreensivo no emprego comum da expressão *turista*. E esse uso foi realizado por Pedro, um jovem de 19 anos, um dos filhos mais novos de Dona Benedita (fretante de outro grupo de romeiros de Pernambuco, que acompanhei em romaria).

Foi logo na chegada desse grupo de romeiros a Juazeiro. Após nove horas de viagem eu e o grupo adentramos na cidade. E ao atravessar a sua principal rua comercial, repleta de gente, Pedro comentou alto e de forma galhofa para todos que estavam dentro do ônibus: “– Viche, de bonito aqui só os turistas!”. Comentário esse que foi acompanhado pela risada da maioria das pessoas dentro do ônibus.

Neste caso, o grupo estava chegando a Juazeiro e Pedro usou a expressão para diferenciar ele e os de seu grupo (aqueles que estavam chegando de fora da cidade e que estavam realizando a experiência do deslocamento) daqueles que seriam moradores da cidade, do lugar.

Em relação a esse caso, cabe observar que o termo não foi usado numa situação de tensão interna ao grupo. Ao contrário, foi uma forma de diferenciar

os do grupo (os romeiros do grupo de Pedro, “os turistas”), daqueles que não pertenciam ao grupo (os *não-turistas*).

Contrapondo e analisando esse uso que Pedro fez do termo “turista” com o uso mais comum dos romeiros para essa expressão, percebi que normalmente os romeiros com os quais tive contato utilizavam a expressão “fazer turismo” como uma das espécies de categoria classificatória para designar certas práticas ou conjuntos de ações que eles tomavam como tendo pouca ou nenhuma relação com o que seria o caráter mais religioso e devocional das romarias.

Observei que era comum estabelecer um antagonismo entre devoção *versus* lazer, imersão nas experiências e práticas religiosas *versus* situações de diversão. Observando mais atentamente os contextos de uso das expressões “turismo” e “turista”, pude observar que numa boa parte das vezes elas estavam sendo utilizadas como uma maneira dos romeiros classificarem entre si (dentro do grupo) certos tipos de atitude e maneiras de envolvimento com a experiência mais ampla da romaria.

No contexto das romarias que acompanhei, na maioria das vezes em que algum romeiro utilizava as expressões “fazer turismo” ou “turismo”, essas normalmente faziam referência a alguém do próprio grupo. A partir de um juízo de valor negativo (ou positivo, como fizera Pedro), aquele que estava sendo classificado como “turista”, ou que “estava fazendo turismo” era alguém do próprio grupo de romeiros. Daí minha interpretação de que, num primeiro nível de significados, essas expressões eram formas de classificação internas aos membros do próprio grupo.

Portanto, nos casos observados, no que se refere ao uso que os romeiros estavam fazendo dessas expressões, elas se distinguiam da abordagem proposta por Rachid Amirou em sua obra *Imaginaire touristique et sociabilités du voyage* (Amirou, 1995), onde argumenta que as experiências de romaria e peregrinação teriam por característica uma “imersão no sagrado” e a turística uma “externalidade do olhar”.

A proposta analítica de Amirou nesta obra, no meu entender, aponta de forma muito clara para a diferença fundamental entre as experiências de fazer uma romaria ou peregrinar e a experiência de fazer turismo.

Pensando no que pude observar nas minhas pesquisas de campo com o que Amirou está propondo, faz sentido dizer que enquanto um devoto projeta-se numa experiência de imersão no sagrado, o turista posiciona-se a partir de uma perspectiva que o possibilita ver e observar de fora algo que desperta seu interesse.

Entretanto, o contexto de campo que pesquisei também levantou outras possibilidades interpretativas: se essa proposta analítica de Amirou faz sentido quando observamos as romarias a partir da perspectiva daqueles que veem e se posicionam em relação às romarias como alguém de fora (isto é, que não se identifica ou se percebe como romeiro), quando observamos a problemática do turismo – ou fazer turismo – a partir das dinâmicas internas aos grupos de romeiros, daqueles que se identificam e se reconhecem como romeiros, essa questão ganha novos contornos.

Neste caso penso que devemos considerar que – num contexto de romaria, entre os romeiros – devoto e turista podem, e muitas vezes são, a mesma pessoa, o mesmo indivíduo. O termo, desta forma, não distingue indivíduos entre si, mas formas e possibilidades distintas de um indivíduo agir, interagir e imergir numa romaria, em relação ao grupo e nas experiências e espaços de peregrinação.

É necessário observar, contudo, que essas formas distintas (e muitas vezes antagônicas) de um mesmo romeiro vivenciar uma romaria ora como experiência religiosa e ora como turismo, ora como devoção, ora como lazer, não é, contudo, surpreendente. Muitos estudos sobre o tema das romarias e peregrinações apontam para o fato de que por mais relevante que a dimensão religiosa (experiência de contato com o sagrado, por exemplo) possa significar para um romeiro, essa mesma dimensão é na realidade uma das múltiplas dimensões das romarias, e não a única.

Uma romaria é muito mais um *fato social total* (Mauss, 2003, p. 309), capaz de pôr em ação a totalidade da sociedade (suas diferentes dimensões, instituições) e dos próprios indivíduos, do que apenas a dimensão religiosa e aquilo que mais diretamente diz respeito a ela. Logo, numa romaria são mobilizados tanto aquilo que se refere à vida religiosa dos romeiros e demais agentes envolvidos numa romaria, quanto o que é relativo a ele e às suas vidas familiares, políticas, econômicas, culturais e – o que nos interessa aqui em particular – de lazer.

Daí que a dimensão do lazer nas romarias (no que podemos incluir a questão do “fazer turismo”) é algo que se mostra presente em vários outros contextos e locais de peregrinação, não sendo algo exclusivo das romarias de Juazeiro. Estudos como os de Eade e Sallnow (1991), Steil (1996), Fernandes (1982), Alves (1980), dentre outros, apontam para a presença de práticas de lazer e turismo dentro dos contextos e locais de peregrinação onde realizaram suas pesquisas. Como afirma Pierre Sanchis, noutro estudo de referência sobre o tema,

Enganar-se-ia completamente quem imaginasse a romaria como um ajuntamento de ‘crentes’, exclusivamente dedicados a actividades formalmente religiosas. A romaria é vivida como festa, quer dizer, como acontecimento total, que se constitui em ruptura do quotidiano, irrupção de um “outro” universo (Sanchis, 1983, p. 139).

Portanto, creio que devemos considerar que devoção, lazer, comércio, diversão e política – e aqui podemos incluir o “fazer turismo” – são algumas das múltiplas dimensões constitutivas do fato social total que é uma romaria.

Pierre Sanchis, neste que é um estudo seu sobre romarias em Portugal, aponta inclusive para uma tensão estrutural constitutiva das romarias. Segundo ele existe nas romarias uma relação dinâmica, dialética, entre o oficial e o popular, entre a tradição e a modernidade. Dialética essa que se expressa na tensão entre os caracteres mais religiosos, devocionais, e os outros mais vinculados ao lazer e à diversão, por exemplo.

Portanto, para aqueles que já tiveram contato com estudos de referência sobre o tema, não se constitui necessariamente uma surpresa perceber durante a pesquisa de campo que a devoção e o lazer se apresentem de forma tensionada nas romarias: a tensão entre o sagrado e o profano (para usar uma terminologia durkheimiana) é parte do fenômeno da “festa”, tais quais são os casos das romarias, tal qual é o caso das romarias de Juazeiro. Aspecto esse que torna compreensível – ou ao menos esperado – que surjam tensões em certas ações e dinâmicas interativas que os romeiros estabelecem entre si e com outros agentes presentes nas romarias.

Nesta perspectiva pode-se considerar, seguindo o argumento de Sanchis (1979, 1983), que essas tensões vinculam-se a elementos estruturais das romarias. O que possibilita considerar a hipótese de que em relação ao caso

específico aqui analisado o uso êmico das expressões “turismo” e “turista” pelos romeiros de Juazeiro se remete a questões que ultrapassam essas romarias nas suas dimensões históricas e espaciais específicas.

Contudo, se essas tensões podem, num certo nível, ser consideradas como vinculadas a elementos estruturais das romarias, por outro lado isso não exclui a hipótese de que essas expressões também podem estar apontando para especificidades dessas romarias de Juazeiro, ainda que tais expressões também estejam vinculadas aos caracteres mais semiológicos e estruturais apontados por Sanchis.

Afinal, se as romarias católicas se constituem, segundo Sanchis (1979), como uma “estrutura de encontro”, marcada por uma dinamicidade dialética que possibilita seu diacronismo, isso implica que tal estrutura vai sofrendo mudanças na horizontalidade do tempo e do espaço. E se essas mudanças ocorrem é também porque no “hoje”, no “aqui e agora” de uma romaria, os diferentes agentes e grupos de agentes nelas envolvidos a vivenciam como um espaço de compartilhamento, troca e disputa por significados, sentidos, assim como coisas concretas, materiais que dizem respeito às suas próprias vidas.

Neste ponto vale lembrar a observação de Carlos Steil de que

as peregrinações se apresentam, particularmente nas sociedades modernas e complexas, como arenas onde competem simultaneamente discursos religiosos e seculares, ortodoxias oficiais e interpretações populares de um mesmo código doutrinário, grupos religiosos estabelecidos e seitas proféticas de contestação ao **status quo**. De modo que toda peregrinação cria e estimula um campo variado de transações religiosas e inter-religiosas, culturais e interculturais, etc. num sistema abrangente de trocas econômicas e políticas (Steil, 2003, p. 45).

De tal forma que

Os sentidos dados à romaria pelos diversos grupos que se encontram no santuário são divergentes. Como escreve Sallnow, ‘quando o povo converge em peregrinação os sentidos colidem’(1991;137) (...)Manifesta-se aí, na variedade de discursos, muitas vezes contraditórios e competitivos, anunciados por romeiros, moradores e dirigentes, uma grande **polifonia**, onde não apenas as visões e ditos de cada uma destas categorias, mas também os mútuos **desentendimentos** entre elas e as formas como cada uma interpreta as ações e os motivos das outras, fazem parte do culto”. (Steil, 1996, p. 58 – grifos no original).

Creio que seguindo este argumento de Steil pode-se incorporar aqui o argumento de que estas disputas, polifonias e polissemias ocorrem também dentro dos próprios grupos, das próprias categorias. Ou seja, também entre os romeiros, dentro dos grupos de romeiros, os sentidos colidem.

Desta forma, a hipótese que estou sugerindo neste artigo é a de que os usos mais comuns que os romeiros vêm fazendo das expressões “turismo”, “turista”, apontam justamente para essas colisões de sentidos e disputas de sentidos e significados em torno do que significa para eles fazer romaria. E, seguindo adiante neste meu argumento, penso que devemos considerar que esta é a parte mais visível de processos latentes, significativamente importantes e profundamente relacionados às novas experiências e situações que vêm ocorrendo entre os romeiros e que dizem respeito a questões-chaves do processo de transformação recente pelo qual vêm passando as romarias de Juazeiro (e, possivelmente, outros centros de peregrinação popular).

E se, nos casos observados, as categorias “turismo”, ou “fazer turismo”, são aquelas que mais os romeiros utilizam para lidar com esse tipo de tensão, penso que isso se explica em parte pelo fato de que esses são termos usados em abundância pelos veículos de comunicação de massa, por diferentes atores sociais e deveras divulgados no cotidiano de nossa sociedade. Ou seja, são termos já consolidados no uso cotidiano de nossa sociedade e que no senso comum vinculam-se à ideia de lazer, diversão. E, na medida em que aqueles que são romeiros são membros de nossa sociedade, igualmente se apropriam e fazem usos afins destes termos. Há, portanto, uma apropriação de significantes relativamente comuns (“turismo”, “fazer turismo”, “turista”) e a produção – por parte dos próprios romeiros – de significados que façam sentido e que digam respeito à própria realidade do grupo em questão.

Significantes e significados estes que remetem ao fato concreto de que é cada vez mais comum dentro de grupos de romeiros a presença daqueles que vão para Juazeiro bem mais motivados pelas oportunidades de lazer e passeio do que prioritariamente pelas motivações devocionais e religiosas.

E isto ocorre, por exemplo, pelo fato de que vem se ampliando as facilidades de execução das romarias, que outrora eram bem mais difíceis de serem feitas e acarretavam em grandes sacrifícios para os romeiros de Juazeiro

(que normalmente pertencem aos segmentos sociais economicamente menos privilegiados da sociedade nordestina).

Um exemplo concreto deste tipo de facilidades que vêm surgindo é que hoje muitas romarias são patrocinadas economicamente por políticos locais, o que acarreta na formação de grupos de romeiros onde cada vez se torna mais comum se encontrarem aqueles que se sentem mais motivados pela oportunidade de realizar o passeio do que necessariamente pela devoção religiosa.⁶

Esses políticos – via de regra com algum tipo de vínculo e interesse em relação às comunidades de origem dos romeiros – costumam dar transporte, estadia e às vezes até alimentação para eles. Um das consequências dessas romarias financiadas por políticos é que na constituição dos grupos de romeiros vai ocorrendo um deslocamento dos critérios religiosos e de afinidades eletivas para critérios eleitorais, por exemplo. Subsequentemente, há uma relativização das motivações religiosas e diminuição do prestígio e autoridade do fretante tradicional. E uma das consequências é que a forma mais tradicional de romaria (a de “antigamente”, como dizem os romeiros mais antigos) vai perdendo espaço para um novo tipo de romaria, na qual as dimensões do lazer e do passeio passam a, de certa forma, rivalizar com as dimensões devocionais e religiosas.

Sendo assim, penso que é preciso considerar a hipótese de que quando determinado romeiro ou romeira critica a ação de outro, chamando-a de “turismo”, ele está também diante de uma percepção de que suas próprias concepções sobre o que é ou como deve ser uma romaria estão em xeque. Neste caso me parece sintomático o fato de que os que mais criticam o “turismo” nas romarias são os romeiros mais antigos, notadamente adultos e idosos, preocupados em manter a tradição.

Daí porque expressões como “turismo” e “turistas”, quando usadas pelos romeiros entre si, apontam para a ideia já citada de Eade e Sallnow (1991) de que “quando o povo converge em peregrinação os sentidos colidem”. Uma colisão que, como foi dito anteriormente, pode ocorrer dentro dos próprios grupos de romeiros. Logo, a partir desta perspectiva, é preciso se considerar que também entre os romeiros há uma disputa pelos sentidos, pelos significados do que é uma romaria, a romaria.

É preciso, todavia, levarmos em conta que esses processos de mudança dizem respeito a questões mais profundas do que a presença cada vez mais ostensiva de políticos nas romarias. Dentro desta perspectiva da colisão de sentidos é pertinente afirmar que os romeiros e as próprias romarias estão sujeitos a processos de transformações históricas, sociais, econômicas e culturais que transcendem a eles próprios e que – ao mesmo tempo – dizem respeito a suas vidas. Sendo que essas disputas por sentidos que os romeiros realizam entre si – e que se relacionam à questão de se a romarias estão sendo vivenciadas como experiências religiosas, devocionais, ou como passeio, turismo, lazer – têm vínculos com esses processos de transformações sociais mais amplos ligados ao cotidiano dos romeiros.

Um exemplo concreto é a emergência e ampliação de novas práticas de lazer entre classes populares. E nisto está incluso justamente certa ideia do “fazer turismo”, que implica – dentre outros sentidos – no ato de deslocar-se para outro lugar (diferente da sua casa) em busca de lazer. E se num primeiro momento a prática turística era algo acessível e se encontrava quase que exclusivamente restrita ao universo de possibilidades das classes médias ou mais abastadas, nos dias de hoje vem sofrendo um contínuo processo de popularização, fazendo com que o turismo seja cada vez mais parte do universo das perspectivas e desejos de muitos indivíduos pertencentes às classes populares.⁷

Um dos fenômenos que vêm ocorrendo em Juazeiro – e que é potencializado pelos políticos que financiam romarias – é justamente esse: para muitos (principalmente os mais jovens) as romarias muitas vezes surgem como uma oportunidade de lazer, uma viagem de lazer.

A questão é que muitos desses que vêm “fazer turismo” têm vínculos afetivos e familiares com aqueles que advogam um sentido mais devocional das romarias. Ou seja, a tensão aqui apontada entre turismo e religião, lazer e devoção, é algo que nos grupos de romeiros se dá entre pessoas cujos laços sociais são fortes e profundos. Como, por exemplo, aqueles que ligam uma avó a um neto, uma mãe a uma filha ou filho.

Nesta perspectiva, o que está em jogo não é só a romaria em si (com seus múltiplos sentidos), mas a dinâmica e significados dos vínculos e relações que

aqueles que são parte dos grupos de romeiros têm e estabelecem entre si e os significados compartilhados e tensionados relativos às suas formas de viver.

Durante a pesquisa de campo pude observar, sobretudo entre adultos e idosos, que o que os romeiros chamam de “fazer turismo” são ações que eles entendem serem ações de negação da dimensão devocional e piedosa da romaria: “– Aquele ali não veio fazer romaria, veio fazer turismo! Não foi a uma igreja, não fez uma visita (aos santos)!”.⁸ Ou seja, se for estabelecer um princípio binário de ordenamento e classificação romeira sobre o “ser verdadeiramente um romeiro e fazer de verdade uma romaria”, teria: turismo *versus* romaria; devoção *versus* diversão; piedade *versus* lazer, etc.

Mas ao observar atentamente as ações daqueles que realizam as romarias, percebi que não existe um tipo puro de romeiro, completamente imerso na experiência de devoção, distante das experiências de lazer. Neste caso o *homo religiosus* eliadeano (Eliade, 2001) não é algo que nós vamos encontrar de forma concreta numa romaria (na melhor das hipóteses trata-se de um tipo ideal, no sentido weberiano do termo).

Isto se relaciona com o debate entre os romeiros sobre aqueles que seriam “romeiros de verdade” e aqueles que “vieram apenas para fazer turismo”: mais do que propriamente uma forma de definir e classificar este ou aquele romeiro, o que está sendo discutido são certos tipos de ações dos romeiros durante a romaria, na romaria. Afinal, nas romarias, nos romeiros, entre os romeiros, há um pouco das duas coisas – devoção e turismo (em maior ou menor intensidade). Em suma, se no discurso romeiro tal ordenamento e classificação podem fazer sentido para eles e entre eles, no plano das ações a prática efetiva desses agentes não se coaduna perfeitamente a uma visão mais esquemática desse discurso classificatório. Isto é, há uma fluidez entre “devoção” e “turismo” na concretude das práticas romeiras numa romaria.

Contudo, isso não quer dizer que ele não tenha uma correspondência com a realidade. Julgo que devemos considerar – e este é o principal argumento deste artigo – que uma das principais questões que os romeiros estão acionando quanto discutem se alguém veio “fazer turismo”, ou “fazer romaria”, não é propriamente um sistema classificatório, mas um processo por meio do qual eles reelaboram significados e sentimentos compartilhados, comunhões de crenças,

expectativas, desejos, experiências relativas às romarias e às formas e possibilidades do viver em suas comunidades de origem.

A hipótese que estou propondo neste artigo é a de que o que está em jogo é muito mais um processo de elaboração e re-elaboração das dinâmicas de relacionamentos, crenças, valores e atitudes relativas aos membros de um grupo romeiro, do que o “ser ou não ser romeiro de verdade”, “ser ou não ser turista”.

É o caso, por exemplo, da questão do papel, posição e significado que a experiência religiosa e – principalmente – a religião (neste caso, a devoção ao Padre Cícero) ocupam na vida desses romeiros, seja individualmente, seja coletivamente.

Talvez isso explique em parte porque enquanto que para os romeiros mais idosos a religião e a experiência religiosa é uma parte importante do viver e da construção do sentido da vida (e suas dinâmicas), para os mais jovens isso é relativo. Relativo a esse que é um momento específico das romarias, posto que as romarias atuais deixaram de ser sobretudo uma experiência de peregrinação coletiva de caráter proeminentemente religioso, para serem também uma experiência de deslocamento visando o lazer.

É possível que estejamos diante de um fenômeno típico do nosso tempo: se para as gerações mais velhas nas romarias se inseriam e se inserem a metáfora do sofrimento e do sacrifício, para as mais novas essas dimensões são sobrepujadas pela lógica do lazer, do deslocar-se em busca de experiências que – dando-se fora de suas vidas ordinárias – possibilitam uma relação mais prazerosa com a vida. Um prazer que se dará mais nas relações intra-humanas, do que na relação com o santo, o universo religioso.

Referências bibliográficas

ALVES, Isidoro M. da Silva. *O carnaval devoto*, um estudo sobre a festa de Nazaré de Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

AMIROU, Rachid. *Imaginaire touristique et sociabilités du voyage*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

EADE, J. and M. J. SALLNOW. (Eds.) *Contesting the Sacred*, the anthropology of Christian pilgrimage. London and New York: Routledge, 1991.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*, a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus*, uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

SANCHIS, Pierre. *Arraial: festa de um povo*, as romarias portuguesas. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

_____. Festa e religião popular: as romarias de Portugal. *Revista Vozes*, v. 73, n. 4, Ano 73, maio, 1979, p. 5-18.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. ABUMANSUR, Edin Sued (Org.). *Turismo religioso*, ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas, SP: Papirus, 2003, p. 29-51.

¹ É numa relação de proximidade com os significados dados pelos romeiros que utilizo aqui essas expressões. E, neste caso, o uso dos termos “adultos” ou “mais velhos” podem ser tomados como expressões êmicas, posto que elas são utilizadas pelos romeiros pesquisados. E igualmente cabe ressaltar que os romeiros tendem a usar estas expressões classificatórias muito mais tendo como referência determinados papéis sociais assumidos e desempenhados por eles (por exemplo, ser avô, avô, mãe e pai em oposição à neta, neto, filha e filho), do que utilizando a idade cronológica da pessoa como critério de classificação.

² Realizei minhas pesquisas de campo entre os anos de 2004 e 2006, tendo ido a Juazeiro várias vezes dentro deste período. Especificamente em relação aos romeiros, destaca-se o fato de que acompanhei romarias que foram realizadas por dois grupos de romeiros em específico. Um grupo de Caetés, PE, e outro de Murici, AL. Parte substancial das referências que eu faço aos romeiros neste artigo remetem-se, sobretudo, a dados colhidos entre esses romeiros de Caetés e Murici.

³ Fretante é o termo usado pelos romeiros para designar aqueles que são os responsáveis por um grupo de devotos que realizam em conjunto a peregrinação. O termo, ao que tudo indica, originou-se do fato de que o fretante é aquele que “freta o caminhão”.

⁴ Neste artigo opto por alterar o nome das pessoas citadas, mantendo certas características relativas a gênero, idade e determinados papéis sociais.

⁵ Caldas é um balneário público, localizado na cidade de Barbalha, localizada a cerca de 8 Km de Juazeiro.

⁶ A partir do uso do caminhão como meio de transporte, o controle de quem ia ou não ia na romaria passou em grande medida a ser exercido pelo/pela “fretante” (aquele/aquela que freta o caminhão e organiza a romaria, em princípio uma devota do Pe. Cícero). Entre final da década de 80 e início dos anos 90 do século XX ocorreu um aumento da presença de políticos locais e estaduais financiando as romarias. Usualmente o político tende a oferecer a fretantes de maior prestígio o transporte e, eventualmente – principalmente em anos de eleição –, os recursos financeiros para a alimentação e pouso dos romeiros em Juazeiro. Dentre outras consequências isso gerou uma diminuição do esforço para se fazer as romarias (posto que ela agora poderia ser feita de graça) e – em muitos casos – diminuiu o poder do fretante de decidir quem vai ou não vai na sua romaria. Isto porque, muitas vezes, uma boa parte das vagas na romaria é decidida pelo político e os seus cabos eleitorais diretos.

⁷ É preciso observar, contudo, que também o turismo passa por transformações classificatórias. Hoje, por exemplo, classifica-se como turismo o chamado turismo de um dia. Fato esse que abre caminho para a inclusão de pessoas com menor poder aquisitivo nessa forma de consumo.

⁸ Frase citada pela fretante Dona Maria, de Alagoas, à qual fiz referência no início do artigo.

Artigo recebido em 14/11/2009, revisado em 04/05/2010 e aceito para publicação em 05/09/2010.